

## A PESQUISA LITERÁRIA EM FONTES PRIMÁRIAS: A PROSA DE FICÇÃO BRASILEIRA, 1860-1875

LITERARY RESEARCH IN PRIMARY SOURCES: BRAZILIAN PROSE FICTION, 1860-1875

Lúcia Granja\*  
lgranja@unicamp.br

**RESUMO:** Neste artigo, o estudo da história literária desafia a crítica literária por meio da análise cruzada de várias fontes: alguns documentos, a materialidade dos livros juntamente com a história da publicação desses textos e, por fim, a relação dos textos com os suportes em que foram veiculados. Tudo isso é contemplado por uma análise transnacional e transcontinental do fenômeno literário, utilizando-se para tanto de um periódico pouco mobilizado como fonte nos estudos brasileiros. Como hipótese, José de Alencar, Machado de Assis e Bernardo Guimarães foram direcionados ao projeto de dar corpo à prosa de ficção brasileira, ao longo dos anos 1860, isso no trabalho editorial de Baptiste-Louis Garnier. Esse editor contava com ajuda de Homens de Letras brasileiros como Joaquim Norberto de Souza e Silva e agia sob mecenato imperial.

**PALAVRAS-CHAVE:** História literária; Crítica literária; *Bibliographie de la France*.

**ABSTRACT:** In this article, the study of literary history challenges literary criticism through the cross-analysis of various sources: some documents, the materiality of the books and the history of the publication of these texts, finally the relationship between the texts and the media in which they were published. All of this is covered by a transnational and transcontinental analysis of the literary phenomenon, using a periodical that is rarely referred as a source in Brazilian studies. As hypothesized, José de Alencar, Machado de Assis and Bernardo Guimarães were directed towards the project of increasing Brazilian prose fiction, throughout the 1860s, in the editorial work of Baptiste-Louis Garnier. This publisher was assisted by Brazilian intellectuals such as Joaquim Norberto de Souza e Silva as well as he relied on imperial sponsorship.

**KEYWORDS:** Literary history; Literary criticism; *Bibliographie de la France*.

### Introdução

Neste artigo, estende-se certo campo de investigação dos estudos literários do século XIX para além das fronteiras habituais, considerando que a história literária desafia a recepção crítica (Abreu, 2014) das seguintes maneiras: a) pelo estudo da materialidade dos textos literários (Chartier, 1994); b) levando-se em conta a história da publicação desses textos e da relação com seus suportes e com o mundo editorial (Chartier, 1994; 2014); c) tendo em vista

---

\* Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (1997), Mestra em Teoria e História Literária pela UNICAMP (1992). Professora Titular de Literatura Brasileira na UNICAMP. Livre-Docente em Literatura Brasileira pela UNESP (2016) e pela UNICAMP (2022, por reconhecimento).

uma abordagem transnacional e transcontinental dos fenômenos literários (Abreu, 2016; Granja e Luca, 2018; Levin e Poncioni, 2018).

Para isso, além das fontes secundárias e primárias, introduz-se um periódico estrangeiro como documento para o estudo da literatura brasileira, o qual equivale a um repositório de dados a serem interpretados, mas, ao mesmo tempo, metodologicamente, como exemplo de que a ampliação dos recursos é a melhor forma de desafiar conhecimentos estabelecidos.

A *Bibliographie de la France*, o periódico dos impressores e editores franceses, foi criada por um decreto imperial em 14 de outubro de 1811, sendo um dos periódicos franceses mais antigos e duradouros. Primeiramente chamada *Journal de la librairie*, ela anunciava sistematicamente as obras impressas e que haviam passado pelo processo de depósito legal na França. Embora se tenha alegado que ela servia a propósitos como o combate à contrafação, evidentemente ela cabia bem ao monitoramento das ideias pelo Estado napoleônico. De toda forma, essa rigidez do periódico legou-nos importante fonte de pesquisa, sobretudo porque, ao longo do tempo, a *Bibliographie de la France* foi organizada fisicamente em volumes anuais, que ganharam a forma de códice e estão acessíveis à consulta em algumas bibliotecas francesas, ou, mais recentemente, em sua forma desmaterializada, parcialmente disponível na Gallica, a biblioteca digital da BNF. O periódico, hoje, mobiliza os leitores através do tempo e renova seus usos à medida que guarda a memória da produção e da circulação dos textos e dos impressos em geral, não apenas “de la France”, mas também em nível internacional, sobretudo porque o alargamento transfronteiras dos estudos da literatura do século XIX propicia novos entendimentos, de onde se reforça a certeza de Anne-Marie Thiesse (1999, p. 11): “nada mais internacional do que uma literatura nacional”, isso como consequência de circulações e de práticas editoriais internacionais.

A publicação transatlântica dos melhores autores brasileiros do século XIX possibilita a compreensão de que a separação entre história literária nacional e internacional deve ser suplantada por um modelo transatlântico. Podemos mesmo afirmar que a edição resultante da circulação de textos e de livros entre a Europa e a América no século XIX ofereceu a uma literatura nacional (brasileira) um novo alicerce, o qual se estruturou, em parte, como consequência de práticas editoriais internacionais.

A *BdF* ajuda-nos a contar essa história, a partir dos manuscritos que faziam a travessia América-Europa, de onde voltavam como livros, mas também pela reconstrução da presença desses impressos nos prelos e nas livrarias europeus, o que nos faz colocar em questão algumas ideias construídas pela história literária do século XIX. Como indicaremos, o cruzamento dos dados de edição e de publicação dos livros que a *Bibliographie* nos fornece, quando somados aos catálogos reunidos pelo fundo Q10 na Bibliothèque Nationale de France<sup>1</sup>, e mais a análise material dos exemplares, constituem-se em fontes importantes para os estudos da literatura das Américas no século XIX, o que relativiza as ideias de “atraso” e de “periferia”, em favor da de “circulação”.

No que concerne à hipótese, o texto mostra, por indícios, como José de Alencar, a partir de 1862, logo após Machado de Assis, a partir 1864, e também Bernardo Guimarães, a partir do final dos anos 1860, tiveram sua produção artística direcionada a um projeto editorial: dar corpo à prosa de ficção brasileira, isso no trabalho editorial de Baptiste-Louis Garnier, que contava com ajuda de Homens de Letras brasileiros como Joaquim Norberto de Souza e Silva, e sob com mecenato imperial.

#### *A poesia antes da prosa*

Nada mais nacional do que um editor estrangeiro, para adaptar a aludida fórmula da Anne-Marie Thiesse. Sabe-se que no Brasil dos anos 1860, graças à ação conjugada do editor Baptiste-Louis Garnier e do Imperador Pedro II no Rio de Janeiro, muitos textos escritos passaram a ser produzidos como livros na Europa. Garnier começou a produzir na Europa uma série de obras que reuniam ou davam espaço novo para textos de autores brasileiros. Mais que isso, ele iniciou coleções de poetas e prosadores brasileiros, como o se vê no texto abaixo.

Publicação literária – O *Diário Oficial*, em seu número de ontem, deu a seguinte notícia:

“Sua majestade, o Imperador, dignou se conceder ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva a permissão de publicar, sob os auspícios do mesmo augusto senhor, uma esmerada coleção das obras dos melhores autores brasileiros, poetas e prosadores.

A coleção, que se comporá de perto de 50 volumes, tem por título: *Brasília, Biblioteca Nacional dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob*

---

<sup>1</sup> Os fundos de nome “Q10”, na Bibliothèque nationale de France, reúnem uma coleção singular de catálogos de livreiros, impressores e editores franceses e estrangeiros. A letras “B” designa os catálogos de 1811 a 1924. Podem ser consultados na biblioteca reservada aos pesquisadores, no sítio François-Mitterrand da BNF.

*os auspícios de sua majestade e imperial o Sr. Dom Pedro II, Editor B.-L. Garnier.*

Transcrevemos aqui o programa da nova publicação que tanto interessa às letras brasileiras, certo que o Sr. J. Norberto de Souza e Silva desempenhará satisfatoriamente a tarefa de que se encarregou.

Agora que, felizmente, o amor pelas coisas da pátria, e o gosto da leitura das obras nacionais, produzidas pelos autores nascidos e domiciliados no país, tem-se propagado por todo o império, anima-se o editor da *Brasília, Biblioteca Nacional dos melhores autores antigos e modernos* a empreender a reimpressão das obras raras, coligidas e anotadas com apurado trabalho e não pequeno estudo, oferecendo assim pela primeira vez englobadamente as composições que até aqui andavam esparsas e perdidas, com grande pena dos amadores da literatura brasileira.

No Sr. J. Norberto de S.S., um dos mais incansáveis membros do Instituto Histórico, que há 25 anos se dedica com gosto e tenacidade ao estudo das coisas da pátria, consagrando o seu talento eminentemente patriótico ao estudo consciencioso e profundo da história do país, encontrou o editor, um digno auxiliar para tamanha tarefa, e bom desempenho da empresa que se impôs.

A Biblioteca Nacional compor-se-á de numerosos volumes, impressos nitidamente em Paris, em excelente papel e tipo, e constará das obras de Tomás Antônio Gonzaga José Basílio da Gama, Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, Cláudio Manoel da Costa, Ignácio José de Alvarenga Peixoto, José de Santa Rita Durão, Manoel Botelho de Oliveira, Gregório de Matos e Guerra, Lucas José de Alvarenga, José da Natividade Saldanha, Marquês de Maricá, Marquês de Paranaguá, Miguel do Sacramento Lopes Gama (o *Carapuceiro*), Sebastião da Rocha Pita e outros muitos autores, poetas e prosadores.

[...]

Todas elas contarão com uma introdução, que compreenderá:

1ª Advertência [...]

2º Juízo crítico [...]

3º Notícias sobre o autor e suas obras [...]

4ª Peças e documentos justificativos

5ª Notas

[...]

Para complemento desse *monumento elevado à glória literária do Brasil*, as obras que formarem a *Bibliotheca Nacional* serão precedidas da História da Literatura Brasileira pelo distinto Sr. J. Norberto de S.S., com um prólogo do ilustrado Dr. Homem de Mello.

(*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1863, p. 1, grifos nossos).

Como o texto acima esclarece, havia, em 1863, um investimento na formação de uma coleção de poesia “nacional”, a “Brasília, Biblioteca Nacional dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de sua majestade e imperial o Sr. Dom Pedro II”), “monumental coleção”, conforme definiria o catálogo da Garnier de meados dos anos 1870, a qual vinha sendo apoiada pelo próprio Imperador desde essa primeira metade dos anos 1860. O “amor pelas coisas da pátria” despertava o gosto pela leitura de obras nacionais, cuja

definição envolvia os autores nascidos ou domiciliados no país. Nessa e em outras ações descritas pelo artigo citado acima está a feição da coleção — importante instrumento de construção da nacionalidade, já que reunia as composições publicadas que circulavam esparsas, ou andavam perdidas, e prometia dar visibilidade a novos escritores. Ela era patrocinada pelo Imperador do Brasil e os volumes preparados por Joaquim Norberto — “um dos mais incansáveis membros do Instituto Histórico” —, “um digno auxiliar para a tamanha tarefa” do editor B.-L. Garnier. Segundo o artigo, a reunião contaria com “perto de cinquenta volumes”, de 14 escritores, o que atesta o seu alcance e a confirma como documento da literatura e cultura nacionais, sobretudo por ter como mecenas o próprio Imperador do Brasil. A edição também pretendia aparelhar as obras: seriam produzidos paratextos, o “apurado trabalho”, por meio de advertência à edição, juízo crítico, notícia sobre o autor e suas obras, peças e documentos justificativos e notas. Por fim, ainda em prol da qualidade das edições de textos brasileiros, os volumes seriam “impressos nitidamente em Paris, em excelente papel e tipo”. Havia a intenção de se publicarem poetas e prosadores, o que não se verificou, restando a *Brasília* especializada em poesia, como veremos. Por fim, esse “monumento elevado à glória literária do Brasil” seria seguido por uma *História da Literatura Brasileira*, pelo mesmo Joaquim Norberto de Souza e Silva.

No fim do projeto, tal obra de história literária não viu a luz e, como mostra abaixo a reprodução de uma página do catálogo de Garnier dos anos 1870, nem todos os autores inicialmente propostos, e enumerados na citação acima, entraram para essa seleta reimpressão das obras raras de literatura brasileira, reunida em coleção para criar memória, sendo que outros se juntaram aos primeiramente selecionados:

**Figura 1-** Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria, posterior a 1878, p. 44.

44	LIVRARIA B. L. GARNIER
<b>BDCAGE (M. M. du). — Excerptos.</b> seguidos d'uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, appreciações de bellezas, defeitos e estudos de lingua, por JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA. 3 v. in-8º enc.....	
	9\$000
Rica encadernação.....	12\$000
A mesma obra edição in-4º 3 v. enc.....	15\$000
Rica encadernação.....	21\$000
<b>BRASILIA, Bibliotheca nacional</b> dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de S. M. o Sr. D. Pedro II. Já fazem parte d'esta interessante e monumental collecção as obras poeticas seguintes:	
<b>Manoel Ignacio da Silva Alvarenga</b> (Obras completas de).	
2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação.....	8\$000
<b>Ignacio José de Alvarenga Peixoto</b> (Obras completas de).	
1 v. in-8º enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Alvares Azevedo</b> (Obras completas de J. M.). 3 v. in-8º enc.	
	9\$000
Rica encadernação.....	12\$000
Ficam ainda alguns exemplares in-4º enc.....	14\$000
Rica encadernação.....	21\$000
<b>A Assumpção, Poema</b> de Frei FRANCISCO DE S. CARLOS. 1 v. in-8º enc.....	
	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Gonçalves Dias</b> (Poesias de). 2 v. in-8º enc.....	
	8\$000
Rica encadernação 10\$000, e.....	12\$000
<b>Casimiro de Abreu</b> (Obras completas de J. M.). 1 v. in-8º enc.....	
	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Junqueira Freire</b> (Obras completas de L. J.). 2 v. in-8º enc.....	
	6\$000
Rica encadernação.....	10\$000
<b>Gonzaga, Poema</b> por ***. 1 v. in-8º.....	
	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Marilia de Birceu,</b> por THOMAZ ANTONIO GONZAGA. 2 v. in-8º enc.....	
	6\$000
Rica encadernação.....	8\$000
As obras de cada um desses autores são colligidas, anotadas, precedidas de uma biographia acompanhada pela maior parte de documentos historicos. Nenhum amador das cousas brasileiras ou cidadão instruido pode deixar de possuir tão interessante collecção, pela grande copia de noticias que encerra sobre a historia litteraria do paiz, sendo a sua acquisição facilima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo, possuir toda essa livraria nacional, verdadeiro monumento levantado as letras patrias.	
A collecção completa será seguida da historia da litteratura brasileira, pelo Dr. J. Norberto de S. S., a qual verá brevemente a luz.	
<b>CANÕES. Estudo historico, poetico, liberrinamente fundado sobre um drama francez,</b> por A. FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. br. 2\$000	
Enc.....	3\$000

Fonte: *Bibliothèque Nationale de France*, série 8 Q10 B.

Do anúncio da coleção (1863) à publicação desse catálogo que a apresenta (não datado, mas certamente posterior a 1878), muita coisa mudou. Dentre os quatorze autores anunciados, apenas três foram efetivamente publicados: Thomaz Antônio Gonzaga, Manoel Ignácio da Silva Alvarenga e Ignácio José de Alvarenga Peixoto. Entre outros, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire, ainda hoje próceres da poesia romântica brasileira, entraram na seleção e interessam aqui por trazerem indícios do embate de forças que levou, ao longo dos anos, alguns nomes para dentro da coleção. São poetas à época contemporâneos, os quais estavam sendo escolhidos por Joaquim Norberto “sob os auspícios do Imperador”.

As obras completas listadas no catálogo de 1878 (ou posterior) apresentam 15 volumes de poesia, já que a maior parte de cada uma delas foi publicada em mais de um volume, como nos mostrou a figura 1. Considerando que os poetas contemporâneos, além dos antigos, passaram a integrar a lista, a pergunta que nos direciona a um debate sobre a prosa é a seguinte: quais seriam e o que teria acontecido aos outros 35 volumes prometidos?

#### *Novos tempos, dias de prosa*

Paralelamente às ações imperiais e editoriais em favor da poesia, desde o início dos anos 1860, Baptiste-Louis Garnier deu início ao investimento na publicação dos romances de José de Alencar na França<sup>2</sup>, publicação em português, ainda que o romance *O Guarani* tenha sido objeto de um grande interesse internacional. Ele foi traduzido em italiano em 1864<sup>3</sup>, o que deu lugar à ópera, cuja estreia aconteceu no Teatro Scala, em Milão, em 19 de março de 1870, com libreto de Antonio Scalvini de música de Antonio Carlos Gomes. Antes de Garnier, José de Alencar era um autor que se autopublicava no Brasil, sobretudo porque tinha sido diretor de um periódico cotidiano e tivera fácil acesso à tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*. Curiosamente, em 1864, Garnier publicou *O Guarani* em duas edições, compondo-as em Paris e criando dois formatos e dois tipos de endereçamento das edições. A segunda edição de *O Guarani* foi realizada em papel de alta gramatura, no formato in-8º, com cadernos bem

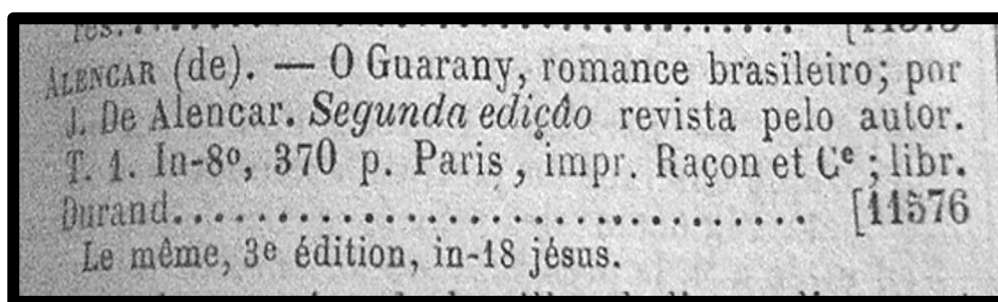
---

<sup>2</sup> Retomo a partir daqui, entremeado ao texto original, dois parágrafos entremeados por uma imagem de um artigo que publiquei há uma década (Granja, 2013). Se o faço, é por razão científica: com o seguimento da pesquisa, apenas recentemente pude associar o movimento editorial de Garnier em relação a Alencar a um projeto editorial de maior envergadura.

<sup>3</sup> ALENCAR, J. *Il Guarany, ossia l'indigeno brasiliano*. Romanzo Storico di J. de Alencar, Traduzione dal Portoghese. Milano: Serafino Muggiani e Comp., 1864

costurados, capa dura luxuosa — segundo nos mostra a materialidade dos volumes ainda conservados na Bibliothèque nationale de France, graças ao depósito legal dos impressores parisienses, os mesmos que, por obrigação, declaravam esse material impresso à *BdF*; a partir do que podemos perceber na quarta capa da terceira edição, esses volumes eram vendidos no Brasil a 4000 réis, o que configurava um livro caro, de edição superior, como vimos descrevendo. Enquanto isso, a terceira edição foi publicada no formato popular in-18, impressa em papel de baixa gramatura e com capa também em papel colorido (segundo nos mostra a mesma análise da materialidade), vendida ao preço de 2000 réis, o preço mais comum dos volumes brochados à época. Além da materialidade dos exemplares analisados, a *Bibliographie de la France* nos forneceu várias dessas informações:

**Figura 2** - *Bibliographie de la France. Journal général de l'imprimerie et de la librairie de la librairie*, nº 52, 24 de dezembro de 1864.



Fonte: *Bibliographie de la France. Journal général de l'imprimerie et de la librairie* (1862 -1875)

Outros dados que nos traz o periódico francês são os seguintes: Garnier publicou os livros pela via das coedições com editores franceses, que não eram os irmãos Garnier de Paris, o que teria sido a saída mais óbvia. Aliás, em termos gerais, quando se considera a história das edições da literatura brasileira, a *BdF* evidencia que a atividade de publicação da literatura brasileira contemporânea era uma atividade solitária de B.-L. Garnier, o que, em muitos dos casos, advinha dos projetos nacionais de criação de monumentos da glória literária, apoiados pelo imperador. Como mostra a imagem acima, o coeditor francês e expositor dos livros de José de Alencar era Durand, sendo Raçon e Cia. o impressor do livro, dados que ajudam a contar uma outra história do livro e da edição brasileiros, aos quais ainda temos acesso porque eram obrigatórios no periódico dos impressores de Paris. Os explicitados mecanismos de produção e de vendas próprios ao mundo da edição, como a constituição de edições diferentes a partir de uma mesma composição, eram bem conhecidos na França, por meio do trabalho de editores importantes do século XIX, como Michel Lévy. Mas, no Brasil, trata-se de



uma estratégia rara, mesmo não praticada de todo, o que nos mostra que existiam, no XIX, práticas de leitura literária, ou ao menos de estabelecimento de coleções de livros, que ignoramos completamente no Brasil ainda hoje em dia.

Segundo Valéria Bezerra, e isso a partir de artigos lidos na imprensa francesa da época, José de Alencar era considerado o melhor romancista brasileiro, tendo sido os mencionados artigos produzidos a partir dessas edições parisienses do romance de Alencar que acima descrevemos, efetuadas por B.-L. Garnier (Bezerra, 2018, p. 137-139). Isso mostra que as edições que Garnier fazia de livros de autores nacionais em Paris, embora destinadas ao público brasileiro, não estavam limitadas a esses leitores. Paralelamente a essa informação, tal fato editorial mostra sobretudo que, no início dos anos 1860, José de Alencar era o grande investimento do editor Garnier na prosa de ficção. A partir dessa época, e das edições que mencionamos acima para o romance *O Guarani*, com exceção de *Iracema* (1865), Alencar publicaria praticamente todos os seus romances pela B.-L. Garnier: *Diva* de 1864; *As minas de prata*, como obra completa (1865-1866), uma vez que o primeiro volume tinha saído pela Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, na coleção “Biblioteca Brasileira”, dirigida por Quintino Bocaiuva; *O gaúcho*, de 1870; *A pata da gazela*, de 1870, *O tronco do ipê*, de 1871; *A guerra dos mascates*, de 1871; *Til e Sonhos d’ouro*, de 1872; *Alfarrábios*, de 1873; *Ubirajara*, de 1874; *O sertanejo*, de 1875; *Senhora*, de 1875, e inclusive a peça de teatro *O jesuíta*, escrita em 1861 e publicada no mesmo ano. Antes, como vimos, e como Machado começaria a fazer com seus romances nos anos 1870, Alencar publicara *A viúvinha* e *Cinco minutos* pela Tipografia do Correio Mercantil e, pela Tipografia do *Diário*, a primeira edição do *Guarani*, bem como, pela tipografia francesa de Frederico Arfevdson, em 1862, a primeira edição de *Lucíola*.

A partir de 1864, seria a vez de Machado de Assis como prosador de ficção. Depois de ter publicado seu primeiro livro de poemas nesse ano pela B.-L. Garnier, as *Crisálidas*, Machado de Assis tornou-se o principal ficcionista – produtor de narrativas curtas ou médias – do *Jornal das Famílias* (1863-1878), um periódico mensal, de propriedade de Garnier, publicado em Paris, que circulou durante quinze anos por várias províncias brasileiras e por pelo menos outros dois países, Portugal e França (Granja, 2018). No início dos anos 1870, reunindo em livro a ficção curta escolhida a partir dos textos produzidos para esse periódico — *Contos Fluminenses* (1870, por B.L. Garnier em coedição com Germain-Eugène Belhatte) e

*Histórias da Meia-Noite* (1873, pela B.-L. Garnier, impressa no Rio de Janeiro, sem coedição) —, seria a hora e a vez da prosa de ficção de mais longo fôlego.

Em *Ressurreição* (1872), e logo mais no famoso ensaio em “Notícia da atual Literatura Brasileira. Instinto de Nacionalidade” (1873), o crítico e ficcionista Machado de Assis buscou afirmar-se como romancista e se distinguir de outros ficcionistas brasileiros:

ADVERTÊNCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

[...]

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. [...] Ora pois, eu atrevo-me a dizer à boa e sisuda crítica que este prólogo não se parece com esses prólogos. Venho apresentar-lhe um ensaio em gênero novo para mim, e desejo saber se alguma qualidade me chama para ele, ou se todas me faltam — em cujo caso, como em outro campo já tenho trabalhado com alguma aprovação, a ele volverei cuidados e esforços.

[...]

Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobretudo se o operário tem jeito para ela.

É o que lhe peço com o coração nas mãos.

M.A.

17 de abril de 1872

(Assis, 2008, p. 35, grifos nossos)

Na “Advertência” a *Ressurreição*, fica claro que o autor “M.A.” dirige à crítica e, portanto, ao público, um gênero novo de ficção, que ele ensaia, justamente por não o ter praticado antes, e apresenta, justamente por ser novo no Brasil: um romance de estudo das relações de um certo tipo de personagem (o caráter), em detrimento dos costumes, como tem apontado insistentemente a crítica (Santiago, 2003; Guimarães, 2004). A mesma crítica não deixa de relacionar essa introdução e o texto crítico mais conhecidos de Machado de Assis, aquele em que ele faz um balanço na Literatura Brasileira à sua época:

[...] os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo.

[...]

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.

(Assis, 2013 [1873], p. 431-432)

Ao tornar-se autor de ficção em livro, por volta dos anos 1870, Machado de Assis pensava que para expandir “os cabedais da nossa literatura”, “os costumes civilizados, [...]”

igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo”. Trata-se de um programa estético, pois o esforço desse ficcionista que escrevia contos já há alguns anos convertia-se na atuação do romancista nascente. A temática que ele declarava estar ensaiando no romance já fazia parte de seu rol de entrecos e de análise dos caracteres no *Jornal das Famílias* (a vida social da classe abastada em sociedade, seus amores, ou mesmo alguns negócios e viagens). Os textos curtos no periódico de Garnier abriram caminho ao romancista. Neles, apareceriam, desde 1864, em quadros imaginados a partir das sociabilidades da Corte carioca de meados dos oitocentos, os dilemas morais e éticos enfrentados pelos personagens e analisados por meio das várias formas de narrativa experimentadas por esses contos (cartas trocadas entre os personagens, comentários do narrador, longos diálogos reveladores etc.). Em suma, Machado de Assis, junto ao editor Garnier, aparece como um novo autor de contos e de romances, que estava envolvido em um projeto editorial mais amplo do que a apenas o seu desejo, talento, gênio criativo ou mesmo consciência crítica sobre a literatura nacional, como podemos pensar quando lemos o texto ensaístico machadiano.

O texto mostrou como José de Alencar, a partir de 1862, e logo após Machado de Assis, a partir 1864, foram direcionados ao projeto de dar corpo à prosa de ficção brasileira, isso no trabalho editorial de Baptiste-Louis Garnier, que contava com ajuda de Homens de Letras brasileiros como Joaquim Norberto de Souza e Silva, embora esse último atuasse na coleção de monumentos, que vimos anteriormente. As novas pesquisas (Silva, 2023) indicam que o mesmo aconteceu com Bernardo Guimarães, a partir do final dos anos 1860, observação que vem tornar ainda mais amplo o quadro de autores nos quais se investiu como prosadores de ficção.

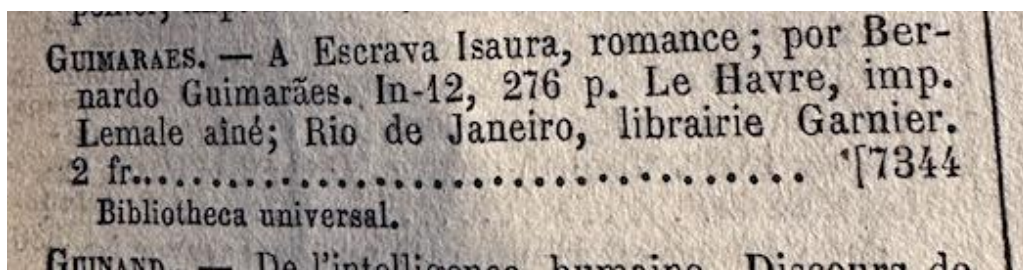
Como vários escritores em início de carreira, Bernardo Guimarães se autopublicou em *Canto da solidão*, poemas de 1852, quando ele era estudante em São Paulo. Em meados dos anos 1860, similarmente a Machado de Assis, ele teve um livro de poemas publicado por Garnier-Durand (*Poesias*, 1865), com a diferença de que as *Crisálidas* (1864) de Machado de Assis não apareceram em coedição com a França, mas diretamente por uma tipografia do Rio de Janeiro.

A partir daí, Bernardo Guimarães também se desenvolveu na Garnier como escritor de ficção. A lista a seguir não é exaustiva, mas ele escreveu *O Ermitão de Muquém* em 1858, o qual só veio a ser publicado em 1869 pela Garnier; já *O garimpeiro* foi publicado em 1872 e

sabemos pelo contrato entre autor e a editora, firmado em 1870, que eram previstos 2 000 exemplares para a primeira edição (Silva, 2023), o que é um número significativo (a título de comparação, a primeira edição de *Papeis Avulsos*, de Machado de Assis, em 1882, viria a ter mil exemplares). Além dos citados, *O Seminarista* e *O Índio Afonso* também foram publicados pela Garnier em 1872. Finalmente, para o argumento deste artigo, *A Escrava Isaura*, escrito em meio à campanha abolicionista, e que alcançou grande sucesso, foi publicado pela Garnier em 1875.

Se a obra de Guimarães continuaria ainda a aparecer, encerramos a lista argumentativa em *A escrava Isaura*, pois a *Bdf* nos mostra que ali já havia um investimento em Bernardo Guimarães como autor da casa, comparável ao que fora feito e se vinha fazendo em José de Alencar e em Machado de Assis:

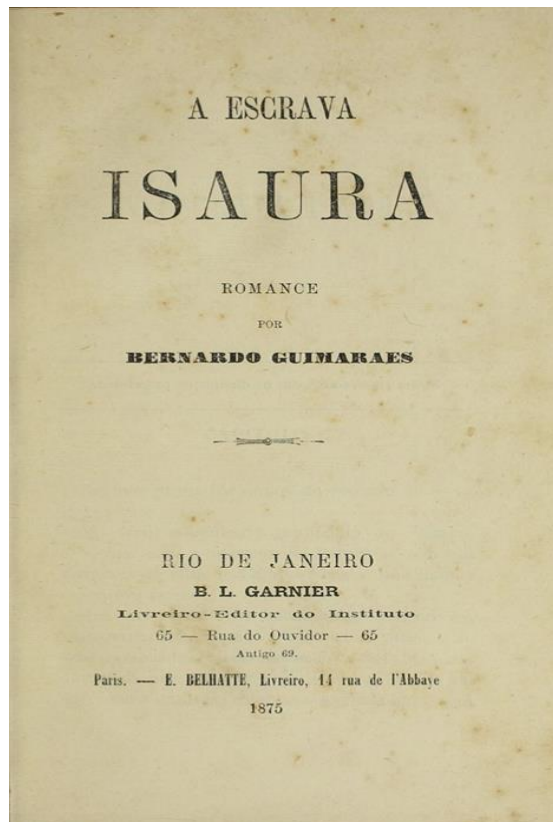
**Figura 3** - *Bibliographie de la France*, 64 année, 2 série, n 29, 17 de julho de 1875.



Fonte: *Bibliographie de la France. Journal général de l'imprimerie et de la librairie* (1862 – 1875).

O romance foi publicado por Garnier em uma tipografia do Havre, no formato in-12, que corresponde ao de uma edição para públicos diversificados no século XIX, ou seja, não popular. Como se vê pela publicação da *Bibliographie de la France*, trabalharam nele a tipografia Lemale Ainé e o editor Eugène Belhatte. Importante frisar que a publicação acima é referenciada, no sumário da *BdF*, a partir da entrada “Belhatte”, que seria, então, o editor francês do projeto, como mostra também a folha de rosto da primeira edição do romance:

**Figura 4** - folha de rosto da primeira edição de *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.



Fonte: Biblioteca Brasileira de Guita e José Mindlin. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br>. Consultada em 18 de agosto de 2020.

Esse investimento na edição francesa coincide, portanto, com o momento em que se publicou aquela que se tornaria a obra mais canônica de Guimarães, embora, verdade seja enunciada, Garnier tivesse tido que renunciar ao sonho de uma sua tipografia no Brasil, a Tipografia Franco-Brasileira, poucos anos antes (Hallewell, 1985, p. 125), o que o levou de volta às parcerias e prelos franceses. Bernardo Guimarães, autor de poemas e de dramas, a partir de 1869, entrou para o rol dos mais significativos prosadores de ficção publicados pela B.-L. Garnier. Isso coincide, como se tem mostrado, com a saída de dois livros de contos de Machado de Assis, *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-Noite* (1873), além da publicação do romance machadiano *Ressurreição* (1872) e de todos os outros romances de Alencar anteriormente mencionados.

O caso de Bernardo Guimarães ilustra o método: investimento na prosa dos escritores, se possível em coedição com os editores parisienses, como no caso de *A escrava Isaura*, aquela que se tornaria obra de ficção mais canônica do autor.

### *Encaminhando conclusões*

A pesquisa que dá assunto a este artigo prossegue, mas já se pode encaminhar conclusões parciais. Rozeaux (2012) já mostrou que o modelo que resultava na construção do que era chamado de “Letras Pátrias” no Brasil durou de 1830-1860, sendo suplantado por novas ideias e ações em torno da nacionalidade, a partir de 1860, sobretudo depois de 1870. Nesse quadro, e diante dos dados e análises mobilizados neste artigo, o que teria feito a coleção apoiada por D. Pedro II em 1862, e que prometia 50 livros de poesia e de prosa moderna, tornar-se tão diminuta (em 1878, contamos 09 autores nela e 15 volumes)? Ora, nessa mesma época, ao longo e depois dos anos 1860-1870, houve um evidente investimento de B.-L. Garnier na prosa de ficção brasileira, o que sugere a existência de um projeto editorial e comercial, mas possivelmente indique que os esforços da primeira coleção migraram para outras ações da Garnier. Isso coincide com o tempo em que, dando notícias sobre a literatura brasileira no exterior, por meio do ensaio citado de 1873, Machado de Assis muda o parecer que dera para o romance brasileiro no artigo “O passado, o presente e o futuro da literatura”, publicado em *A marmota*, 09 e 23 de janeiro de 1858:

Tratemos das três formas literárias essenciais: — o romance, o drama e a poesia. Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros, setêm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da convivência perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as suscetibilidades nacionais (Assis, 2013 [1858], p. 66).

Ora, se em 1858, ninguém que fosse imparcial poderia afirmar que o romance e o drama existiam no Brasil, e que “raros se têm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance”, em exatos quinze anos o crítico Machado de Assis teria mudado de parecer. Em 1873, ele diz-nos que

de todas as formas várias as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance a poesia lírica ponto e a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte, creio eu. [...] O romance pode-se dizer que domina quase exclusivamente. Não há nisto motivo de admiração nem de censura, tratando-se de um país que apenas entra na primeira Mocidade vide e esta ainda não nutrida de sólidos estudos [...] Aqui o romance, como tive ocasião de dizer busca sempre a cor local [...]. (Assis, 2008, [1873], p. 472).

O problema não era mais a falta de romances entre nós e o foco da discussão passou a ser o assunto nacional que deveria preenchê-lo. A avaliação machadiana, contemporânea

aos largos investimentos de B.-L. Garnier, são mais um indicativo de que, por detrás do aparecimento dos romances, estava um projeto editorial de “amor pelas coisas da pátria”, o gosto da leitura de obras nacionais, produzidas “pelos autores nascidos e domiciliados no país”, como vimos no programa da coleção de monumentos, publicado em 1862.

Por detrás de um problema de História que reverbera em percepções de crítica literária, as fontes mobilizadas neste texto nos mostram que o Brasil do século XIX tinha um comércio de livros dinâmico, em sintonia e interdependente de mercados estrangeiros. A circulação transatlântica de textos e de livros nos permite entender que eventos que tendemos a perceber como “nacionais” foram, parcialmente ao menos, um resultado do contato entre culturas. As complexas redes estabelecidas entre o Brasil e a França, com suas diversas formas e atores, entre outras relações, foram uma parte importante da vida cultural do “mundo atlântico”, para usar a expressão de Ferdinand Braudel referindo-se ao Mediterrâneo, entendidos ambos os espaços não apenas como geográficos, mas também culturais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia Azevedo de. Problemas de História Literária e Interpretação de romances. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 39-52, nov. 2014.

ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

ALENCAR, José de. *Il Guarany, ossia l'indigeno brasiliano*. Romanzo Storico di J. de Alencar, Traduzione dal Portoghese. Milano: Serafino Muggiani e Comp., 1864

ALENCAR, José de. *O guarani*. 3ª e 4ª edições. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier; Paris: Durand, 1864.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro; B.-L. Garnier; Paris; E. Belhatte, 1870a.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos Fluminenses*. Rio de Janeiro-Paris: B.-L. Garnier; E. Belhatte, 1870.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1873.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Ressurreição*. In: *Obra completa em quatro volumes*. 2. ed. Organização de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahan. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Organização de Silvia Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Calipo. São Paulo: Editora da Unesp, 2013[1873], pp. 61-68.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Notícia atual da Literatura Brasileira. Instinto de nacionalidade. In: *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Organização de Silvia Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Calipo. São Paulo: Editora da Unesp, 2013[1873], pp. 429-441.

BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. [Trad.: Mary Del Priore]. Brasília: Editora da UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. [Trad.: George Schesinger]. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de Homens e de Livros). In: *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Organização de Lúcia Granja e Tânia de Luca. Campinas; São Paulo, Editora da UNICAMP, 2018, p. 55-80.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira *chez Garnier*. *Letras* (UFSM), v. 23, n. 47, 2013, p. 81-95.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier; Paris: E. Belhatte, 1875.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão de Muquém*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1869.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Garimpeiro*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1869.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1869.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Índio Afonso*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1869.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias*. Paris: B.-L. Garnier; Durand, 1865.

GUIMARÃES, Bernardo. *Canto da solidão*. São Paulo: Typographia Liberal, 1852.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial/Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP, 1985.

LEVIN, Orna Messer; PONCIONI, Claudia (orgs.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1889-1914)*. Campina: Editora da UNICAMP, 2018.

ROZEAUX, Sébastien. *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-1880)*. Thèse de Doctorat em Histoire. Université Charles de Gaulle - Lille III, 2012.

SANTIGO, Silviano. Jano, janeiro. Nota introdutória de John Gledson. *Teresa*, v. 6-7, 2005, p. 429-452. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116635>. Acesso em: 16 jan. 2023.



SILVA, Tabatha Alessandra de Souza da. *Bernardo Guimarães e Baptiste-Louis Garnier: literatura e materialidades*. Campinas, SP: Asa da Palavra, 2023.

THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales*, Europe XVIII-XX siècle. Paris: Seuil, 1999.

#### ARQUIVOS E DOCUMENTOS REFERENCIADOS

##### CATÁLOGOS DE GARNIER:

Bibliothèque Nationale de France, série 8 Q10 B.

##### CONTRATOS DE GARNIER:

Contratos, recibos e outros documentos da livraria e editora de Baptiste-Louis Garnier que constam do material reunido pelo Projeto Temático FAPESP “Caminhos do romance”. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=8&lang=pt>. Acesso em: 30/10/2021.

##### PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:

*Bibliographie de la France. Journal général de l'imprimerie et de la librairie* (1862 – 1875)

*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1862-1865.

##### ARQUIVOS E BIBLIOTECAS:

Biblioteca Brasileira de Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br>. Acesso em: 18 ago. 2020.